

Mente e Intelecto na Vida Cristã

Aula 3. O encorajamento bíblico a uma vida intelectual

3.1 Duas histórias e duas perspectivas diferentes sobre o papel da mente na vida cristã

- Um professor universitário com uma mente brilhante que havia sido desapontado pelos pastores e anciãos de sua igreja durante a sua adolescência. Suas dúvidas genuínas de natureza intelectual não foram respondidas com a desculpa de que a fé não requer desenvolvimento intelectual e que seu problema era espiritual e não intelectual. Este professor mais tarde tornou-se um cético radical e crítico do cristianismo, influenciando muitos com suas idéias e afastando pessoas de Deus.
- Agostinho (354-430 AD), antes da sua conversão, pertencia a uma seita chamada maniqueísmo. Com uma mente brilhante, Agostinho tinha dúvidas intelectuais sobre o maniqueísmo, mas nenhum de seus companheiros de culto conseguia responder suas questões. Finalmente Agostinho encontrou-se com um dos líderes da seita (Fausto), mas ficou desapontado ao descobrir que Fausto utilizava suas habilidades retóricas e eloquência para persuadir as pessoas ao maniqueísmo, mas suas respostas eram superficiais e muito pouco razoáveis. Agostinho abandonou o maniqueísmo e depois de alguns anos conheceu dois líderes cristãos, Ambrósio e Ponciano, que inteligentemente discutiram com ele vários assuntos relacionados à fé cristã. Isto influenciou profundamente Agostinho e contribuiu para a sua conversão.
- Qual a diferença entre as duas histórias? Ambrósio e Ponciano demonstraram uma perspectiva mais bíblica do papel da mente na vida e ministério cristãos, do que os líderes da igreja daquele professor universitário. Nós também precisamos ter um entendimento bíblico bem acurado sobre o que nós somos em Deus.
- A importância da razão e de uma vida intelectualmente frutífera são claramente ensinadas na Bíblia. Desenvolver uma mente cristã é parte essencial do discipulado em Cristo.

3.2 A natureza racional de Deus

- O nosso Deus é um Deus de revelação, mas também de razão. Um de seus atributos é a onisciência: Ele é perfeito em conhecimento (Jó 37:16; I Jo 3:20b). O Filho de Deus encarnou-se como o *logos* (Jo 1:1-12), o que representa e enfatiza este aspecto onisciente e racional do caráter de Deus, ou seja, a razão ou sabedoria divina que é tornada manifesta e compreensível no Deus-homem Jesus Cristo.
- Há vários argumentos bíblicos que demonstram a harmonia entre a natureza de Deus e a razão:
 - a) Ele é o único Deus sábio (Rm 16:27).
 - b) Ele é o Deus da verdade que não pode mentir (Tt 1:2).
 - c) Ele é completamente confiável (Rm 3:4; Hb 6:16-18).
 - d) Sua Palavra é a verdade (Jo 17:17).
 - e) Sua igreja é a coluna e fundamento da verdade (I Tm 3:15).
 - f) Ele convida suas criaturas a vir e raciocinar juntos (Is 1:18).
 - g) Ele incentiva suas criaturas a apresentar casos bem fundamentados contra suas ações aos quais Ele responderá (Jr 12:1, 20:12).
 - h) Ele requer que sua Palavra seja ensinada por mestres que diligentemente a estudem e a examinem acuradamente (II Tm 2:15; I Tm 4:15-16).
 - i) Ele requer que seus mensageiros dêem justificativas racionais quando questionados sobre a razão da sua fé (I Pe 3:15).
 - j) A apresentação do Evangelho deve ser feita com palavras que expressam verdade e racionalidade (At 26:24-25).
- Um grande contraste com os deuses de outras religiões: são tão transcendentais que seus caminhos são inescrutáveis (Islã); são tão finitos e demonstram toda a fraqueza da natureza humana (mitologia grega e outras religiões politeístas); exigem que seus seguidores abandonem a razão, escapem das leis da lógica e entrem num nirvana (religiões animistas).
- Ao contrário, o cristianismo foi o responsável pela fundação das primeiras universidades. A ciência, tal como a conhecemos hoje, teve seu berço na Europa cristã por causa da crença de que o mesmo Deus racional que

criou a mente humana também criou o mundo, de modo que a mente era uma ferramenta adequada para discernir a estrutura racional do mundo criado por Deus.

- Deus não faz acepção de pessoas (At 10:34-35) e por isso não ama mais um intelectual do que uma pessoa comum, mas isso não faz da ignorância uma virtude cristã, se essas virtudes de fato espelham a perfeição do caráter de Deus.

3.3 A Bíblia, como revelação de Deus, aponta para o desenvolvimento de uma mente cristã

- A revelação de Deus através da sua palavra é plenamente verdadeira. Os termos bíblicos usados para “revelação”, tanto no hebraico quanto no grego, expressam a idéia de revelar, descortinar, tornar manifesto ou conhecido. Deus não somente se revelou como pessoa através da sua Palavra, mas também revelou proposições verdadeiras, compreensíveis e objetivas, que requerem apreensão intelectual para serem entendidas e aplicadas.

3.4 O papel do Espírito Santo no entendimento da Palavra

- Apesar da Bíblia conter vários textos de fácil compreensão e aplicação direta, vários outros são difíceis e intelectualmente desafiadores, os quais podem ser não-compreendidos e mal-compreendidos por pessoas sem instrução teológica, causando problemas na comunidade cristã (II Pe 3:16).
- Alguns acham que trabalho intelectual duro não é necessário para entender todas as proposições da revelação de Deus a nós. Basta pedir ao Espírito Santo que Ele nos ajuda no entendimento de qualquer texto. Esta atitude representa um mal-entendimento do papel do Espírito na compreensão do texto bíblico. Há três textos bíblicos que geralmente são mal-interpretados com relação à ajuda do Espírito no entendimento da Palavra.
- I Co 2:14-15. O contexto é a desunião da igreja de Corinto e a maneira como Paulo aborda a questão. Existem três palavras chaves para a compreensão do texto:
 - a) “Aceita” (*dechomai*), significa receber e, às vezes, receber de bom grado (q.v. II Co 8:17). O incrédulo não aceita, recebe ou entende de bom grado as coisas do Espírito. Que coisas são estas? O contexto indica que Paulo tem em mente a própria Escritura. Ao defender a sua autoridade apostólica diante da igreja, Paulo diz que sua mensagem não é humana, mas provem de Deus e é esta mensagem que o incrédulo não aceita voluntariamente.
 - b) “Entende” (*ginosko*), significa discernir como verdadeiro e bom, ou conhecer experimentalmente. Não significa simplesmente apreender alguma coisa cognitivamente, mas ter a familiaridade necessária para entender alguma coisa.
 - c) “Discernem” (*anakrino*), que é mesmo discernir ou “coar” espiritualmente alguma coisa. É o mesmo termo usado em relação aos bereianos (At 17:11), quando conferiam se a compreensão que Paulo tinha do VT era boa e aceitável.
- Jo 14:26. Este texto não afirma que o ES ensinará o significado do texto aos crentes em geral, mas que Ele inspirará e ajudará os apóstolos a se lembrarem das palavras de Jesus. Vários outros textos nesse contexto deixam claro que Jesus estava se dirigindo especificamente aos seus discípulos e não a todos os crentes (Jo 14:1, 25, 28-29; 16:16; 17:12-14, 26).
- I Jo 2:27. Alguns interpretam este texto como que o Espírito ensina o crente as verdades da Escritura, sem a necessidade de um mestre para o entendimento da Bíblia. Porém, é claro em todo o NT que Deus presenteou a igreja com mestres e doutores que devem trabalhar diligentemente no ensino (Ef 4:11, Rm 12:7). O contexto é o de alerta contra os gnósticos, que reivindicavam possuírem uma unção ou iluminação especial e secreta para interpretarem a Palavra. João está dizendo aos crentes que eles já foram batizados no corpo de Cristo pelo Espírito, e que, portanto, não precisam de uma unção adicional para possuir um conhecimento especial e secreto da palavra.
- A ênfase do papel do Espírito Santo no entendimento da Palavra pode se vista como um atalho fácil para substituir uma vida de estudo árduo e leitura profunda de boa literatura teológica. Somada à preguiça intelectual, esta atitude tem produzido cristãos quase analfabetos em relação ao conteúdo da sua fé e com um profundo sentimento de inadequação em relação a ela.

3.5 Os textos bíblicos mais importantes no desenvolvimento da mente cristã

3.5.1 Romanos 12:1-2

- Ninguém pode “experimentar” o que a vontade de Deus é sem a renovação ou transformação da mente. Mente (*nous*) significa o intelecto, a razão, a faculdade do entendimento. Para não se conformar ao mundo é preciso desenvolver uma nova perspectiva de pensar, adquirindo novas percepções sobre nossas vidas e o mundo ao nosso redor, ajuntando conhecimento e a habilidade necessária para fazer o que precisa ser feito e como fazê-lo. Verdade, conhecimento e estudo são fatores poderosos na transformação da mente e no controle do corpo e seus hábitos para uma vida plena na realidade do Reino de Deus.

3.5.2 Mateus 22:37-39

- Deus é digno de ser amado com cada faceta da personalidade humana, e não somente com um ou dois aspectos na nossa natureza. Jesus demonstrou o que significa amar a Deus com a mente no contexto precedente desta passagem. Em Mt 22:23-33 um grupo de saduceus (que não criam na ressurreição do corpo) tentou pegar Jesus em uma armadilha intelectual sobre a estória de uma mulher que havia sido casada consecutivamente com sete irmãos. A quem ela pertenceria na ressurreição? As opções de Jesus eram possivelmente as seguintes:
 - a) negar a ressurreição;
 - b) aceitar a poligamia e o adultério, reconhecendo o seu casamento com os sete irmãos no céu;
 - c) injustamente ou arbitrariamente restringir seu casamento a um dos irmãos somente.
- A resposta de Jesus à pergunta dos saduceus revela uma mente extremamente brilhante e inteligente. Primeiro Ele aborda a questão mais superficial, negando a validade do argumento dos saduceus: não há casamento no céu. Depois Ele aborda a questão mais profunda, sobre a ressurreição, citando um texto bíblico aparentemente não-relacionado ao assunto (Ex 3:6), ao invés de um texto mais explícito, como, por exemplo, Daniel 12:2. Mas Jesus sabia que os saduceus não aceitavam plenamente a autoridade dos profetas, incluindo Daniel. Por outro lado, o texto citado era um dos versos-chaves da teologia dos saduceus. Jesus explorou o tempo verbal deste verso: Deus não *era*, mas *é* o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, uma declaração que só poderia ser verdadeira se os patriarcas ainda existissem.
- A estratégia de Jesus foi clara:
 - a) Ele tinha familiaridade com o ponto de vista de seus oponentes.
 - b) Ele apelou para o senso comum, usando um texto não-controverso de ampla aceitação, ao invés de um texto que Ele aceitava, mas não os saduceus.
 - c) Ele usou as leis da lógica para desmascarar o argumento dos saduceus e rejeita-lo incontestavelmente.

3.5.3 I Pedro 3:15

- Este texto fala da necessidade de termos respostas às pessoas que questionam a razão da nossa esperança em Cristo. Há duas palavras-chaves aqui: responder (*apologia*) e razão (*logos*).
- *Apologia* significa defender alguma coisa, como por exemplo, apresentar argumentos positivos a favor e responder aos argumentos negativos contra uma determinada posição num tribunal. Esta era a maneira como o apóstolo Paulo evangelizava (At 14:15-17; 17:2-4, 17:31; 18:4; 19:8), persuadindo as pessoas a virem a Cristo apresentando argumentos racionais em prol da verdade do evangelho, algumas vezes até mesmo citando filósofos pagãos (At 17:28) como parte da sua apologia do evangelho.
- *Logos* significa uma evidência ou argumento que provê uma justificativa racional para uma convicção. Convicção e conhecimento nem sempre andam juntos. Pode haver convicções que não se apóiam na verdade. Neste texto Pedro ordena que estejamos preparados para apresentar argumentos racionais e boas razões que justifiquem a nossa fé e esperança em Cristo. Não devemos confundir “racional” com “não-espiritual”, achando que o uso da razão é evidência de sabedoria humana. Deus exige um culto racional (Rm 12:1).
- Qual tem sido nossa reação quando surge uma oportunidade de defender a fé cristã numa conversa cotidiana ou numa discussão de alto nível? Sentimo-nos despreparados, superficiais, reacionários, na defensiva? Temos de obedecer a ordem de Pedro: santificar a Cristo como o Senhor de nossas vidas e estar preparados, através de esforço intelectual diligente, sobre os assuntos que nos tornam confiantes e corajosos na defesa do evangelho.

- Embora Pedro tenha sido classificado como iletrado e inculto em Atos 4:13, no início do seu ministério, suas epístolas demonstram uma dedicação intelectual e de coração ao Senhor Jesus. Mesmo que Silvano o tenha ajudado nesta tarefa (I Pe 5:12), seu domínio da gramática e lingüística grega deveriam estar acima da média para um homem com a sua origem humilde. Além disso, o cuidado e precisão do seu argumento revelam uma mente intelectualmente bem treinada.

3.6 Como o conhecimento extra-bíblico pode ajudar no desenvolvimento de uma mente cristã

- O cultivo cuidadoso das faculdades mentais é um componente essencial na jornada para a maturidade cristã. O crescimento espiritual é muito mais do que amar a Deus com a mente, mas inclui, no mínimo, nossa devoção intelectual a Ele.
- Conforme crescemos em nosso amor a Deus e no desejo de ser como Ele, devemos aspirar ser o mais bem informados e cheios de conhecimento quanto possível, uma vez que nosso desenvolvimento intelectual precisa ser equilibrado com nossa devoção, para podermos crescer também em outros aspectos da nossa personalidade.

3.6.1 A Bíblia valoriza algum tipo de conhecimento humano para uma vida de sabedoria.

- O temor do Senhor é o princípio da sabedoria ou do conhecimento (Pv 1:7), mas “temor” somente não traz sabedoria. Sabedoria é alcançada quando um coração temente a Deus é unido a uma mente disciplinada. Conhecimento é fruto de estudo e é necessário para se ter sabedoria.
- A Bíblia é o objeto central de estudo para se amar a Deus com a mente, mas não é o único objeto de estudo. Deus tem se revelado a si mesmo e comunicado várias verdades ao homem através de outros meios que não a Bíblia.
- Existem vários textos bíblicos indicando que sabedoria e conhecimento podem ser encontrados também em alguns aspectos da cultura humana e do mundo natural:
 - a) A Bíblia reconhece a existência de sabedoria em culturas fora de Israel: Egito (I Rs 4:30), Edom (Jr 49:7), Fenícia (Zc 9:2).
 - b) A Bíblia reconhece que a sabedoria humana é capaz de obras admiráveis (Jó 28:1-11).
 - c) A sabedoria de Salomão é comparada a homens do oriente e aos egípcios, demonstrando que ele era mais sábio que pessoas que tinham uma longa e merecida reputação de sabedoria (I Rs 4:29-34).
 - d) O apóstolo Paulo cita filósofos pagãos na pregação do evangelho (At 17:28).
 - e) O livro de Provérbios é repleto de exemplos em que o conhecimento espiritual pode ser adquirido a partir da observação cuidadosa do mundo natural (Pv 6:6-8).
 - f) O ensino de Jesus também é repleto de situações em que o mundo natural é usado como inspiração para o entendimento de verdades espirituais (Mt 6:26-30).
- Através da história, muitos cristãos têm aprendido que o senso comum, a lógica, a matemática, a ciência, as artes e certas áreas das humanidades, são áreas de estudo que contém verdades relevantes à vida em geral e ao desenvolvimento de uma visão cristã do mundo.
- John Wesley (1756), falando a um grupo de ministros sobre como desenvolver um ministério frutífero, exortou-os a se dedicarem não somente ao estudo da Palavra, mas também da lógica, metafísica, teologia natural, geometria, filosofia, literatura etc. Para ele, o estudo dessas disciplinas (especialmente filosofia e geometria) ajudava a treinar a mente a pensar com precisão, um hábito de incrível valor para formar uma mente cristã com relação a vários temas teológicos e para o entendimento das Escrituras.

3.6.2 A Bíblia valoriza a lei moral natural.

- A Bíblia repetidamente reconhece a existência de uma lei moral natural, que consiste em princípios morais que Deus estabeleceu para o relacionamento entre os homens em geral, e que podem ser conhecidos independentemente da revelação bíblica (Rm 1 e 2).

- Como cristãos não precisamos ficar embaraçados em defender certas posições éticas sobre temas não explicitamente tratados na Bíblia (e.g. aborto), pois a lei moral que Deus colocou no coração de cada ser humano deveria ser suficiente para distinguir o certo do errado em muitas questões políticas, sociais, econômicas e ambientais.
- O profeta Amós apela para os princípios auto-evidentes da lei moral para denunciar o comportamento reprovável de várias nações vizinhas de Israel, que não conheciam as Escrituras (Am 1:3-2:3). Mas para os judeus, pela primeira vez ele apela para as Escrituras (Am 2:4).

3.6.3 A Bíblia valoriza a qualificação pessoal para ministrar a partir de uma posição de influência.

- O exemplo de Daniel e seus companheiros (Dn 1:3-4) mostra que eles foram colocados por Deus numa posição de influenciar o rei da Babilônia porque eram “cultos, inteligentes e dominavam os vários campos do conhecimento”. Seu conhecimento da literatura, ciência e geometria babilônicas os capacitou a servirem a Deus na corte quando a oportunidade se apresentou.
- Entre os cristãos deveria haver uma preocupação maior em enxergar a formação intelectual e o conhecimento extra-bíblico como ferramentas a serem usadas por Deus para influenciar positivamente a sociedade e dar maior credibilidade ao testemunho de vida.
- Alguns motivos mais nobres para se almejar uma boa qualificação pessoal e profissional:
 - a) Descobrir uma vocação (uma área de serviço para a qual Deus chama) e não somente uma profissão (ganha-pão).
 - b) Desenvolver as habilidades necessárias para ocupar um espaço no domínio cultural e intelectual, de uma maneira digna do Reino de Deus.
 - c) Obter conhecimento geral e formar hábitos de pensamento necessários ao desenvolvimento de uma personalidade bem estruturada, capaz de produzir um cidadão digno do reino da terra e do céu.

3.7 **A resistência “bíblica” a uma vida intelectual**

- Existem seis interpretações erradas das Escrituras, que distorcem a sua ênfase para cultivar uma vida intelectualmente frutífera e amar a Deus com a mente.

3.7.1 Deus condena o uso da razão?

- Em I Co 1:18-2:5 Paulo argumenta contra a sabedoria deste mundo e adverte os coríntios que ele não se dirigiu a eles com palavras persuasivas de sabedoria humana. Muitos concluem, com isso, que o raciocínio e a argumentação humanos são inúteis nas questões espirituais. Se isto for verdade Paulo contradiz a si mesmo, pois não é a sua prática evangelística em todo o livro de Atos.
- Neste texto Paulo condena o uso falso e soberbo da razão, e não a razão em si mesma. Deus escolheu as coisas loucas, insignificantes e desprezíveis que eram ofensivas não à razão, mas ao orgulho humano que se apoiava na razão.
- Este texto também condena a famosa retórica grega. Muitos oradores gregos se orgulhavam de sua capacidade de persuadir multidões a seus pontos de vista. Sua persuasão não se baseava em considerações racionais, mas na habilidade de linguagem.

3.7.2 Conhecimento secular é inútil à fé?

- Em Cl 2:8 Paulo adverte os colossenses para que eles não se deixassem influenciar pelas vãs e enganosas filosofias humanas, o que tem sido interpretado por alguns como uma ordem para se evitar estudos seculares, especialmente a filosofia. A estrutura do texto claramente indica que o que deve ser evitado não é a filosofia em geral, mas a vã e enganosa.
- Paulo exortava os crentes a não basear suas visões doutrinárias neste tipo de filosofia. Ele era bastante familiar com a filosofia proto-gnóstica que ameaçava a igreja de Colossos e possuía o conhecimento e a habilidade necessários para apontar seus erros e armadilhas. Conhecer sistemas de pensamento não-cristãos e estar bem alicerçado na Palavra é a melhor maneira de evitar heresias.

3.7.3 A doutrina da depravação humana torna a razão humana irrelevante?

- Alguns argumentam que, devido ao fato do intelecto humano ser caído e depravado, a razão humana é irrelevante ou no mínimo suspeita quando se trata de crescimento espiritual. A doutrina da depravação humana ensina que toda a personalidade humana, incluindo o intelecto, foi afetada pelo pecado e se encontra separada de Deus. Nossa personalidade foi corrompida, mas não anulada. Como fomos criados à imagem e semelhança de Deus, isto não torna nenhum de nossos atributos humanos maus em si mesmos.
- Não há base para concluir que, somente porque o intelecto sozinho não leva ninguém a Cristo, não devemos deixar de persuadir as pessoas de modo inteligente e racional. Do mesmo modo, só porque a pregação não salva ninguém sem a ajuda do Espírito, vamos deixar de prepará-la da melhor maneira possível.

3.7.4 A natureza da fé é uma questão do coração e não da mente?

- A dicotomia entre fé e razão tem sido advogada por muitos com base no texto de Mt 18:1-4, quando Jesus destaca a importância de tornar-se como uma criança para entrar no Reino de Deus.
- Na Bíblia, o conceito de fé é geralmente direcionado para uma declaração ou uma pessoa (Deus). Crer numa declaração é deixar-se convencer de que ela é verdadeira. Crer em Deus é confiar nele. Em ambos os casos, fé é confiar naquilo em que temos razão para crer que seja verdadeiro e digno de confiança.
- Em Mt 18:1-4 Jesus dirige a metáfora da criança contra os auto-suficientes e arrogantes. Neste contexto, tornar-se como uma criança significa ser humilde e desejoso de confiar em Deus. O oposto de ser como criança é ser orgulhoso e soberbo, e não inteligente e razoável.

3.7.5 Como Deus é inescrutável, então é inútil usar a mente humana para entendê-lo?

- O texto bíblico que dá apoio a esta idéia, através de uma interpretação equivocada, é Isaías 55:9. No entanto, o texto ensina que nós nunca compreenderemos integralmente os motivos, os propósitos e a soberania de Deus. Porém, isto não significa que não devemos nos esforçar para entender seus propósitos, ou tentar servi-lo e amá-lo com nossas mentes.

3.7.6 O conhecimento humano sempre produz arrogância?

- Essa generalização é tirada de I Co 8:1. Neste texto Paulo não está condenando o conhecimento em si, mas certa atitude em relação ao conhecimento. A resposta a isto deve ser humildade e não ignorância. Por outro lado, pessoas ignorantes podem não ser arrogantes, mas podem tornar-se orgulhosamente defensivas para disfarçar sua falta de conhecimento, o que na prática é somente outro tipo de arrogância.

PARA REFLETIR: O CRISTÃO DEVE TRABALHAR POR UM ESTADO JUSTO OU POR UMA TEOCRACIA TERRENA?